



Ministério da Educação – Brasil
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM
Minas Gerais – Brasil
Revista Vozes dos Vales: Publicações Acadêmicas
Reg.: 120.2.095 – 2011 – UFVJM
ISSN: 2238-6424
QUALIS/CAPES – LATINDEX
Nº. 16 – Ano VIII – 10/2019
<http://www.ufvjm.edu.br/vozes>

Experiências na graduação e integração acadêmica: para além da sala de aula

Prof^ª. Dr^ª. Edleusa Nery Garrido

Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)

Docente da Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

<http://lattes.cnpq.br/8658298069136564>

E-mail: edleusagarrido@gmail.com

Resumo: Apoiado nas contribuições da Teoria da Integração Acadêmica (TEA) e da Psicologia Ambiental (PA), o texto discute resultados de um estudo de natureza qualitativa sobre atividades que os graduandos realizam fora da sala de aula e a repercussão em sua integração e em seu processo formativo, levando-se em conta as características desses estudantes. Foram entrevistados sete graduandos do Departamento de Educação do campus I, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). A partir da análise de conteúdo, foi levantado o perfil dos entrevistados e os espaços frequentados por estes foram agrupados em ambientes de aprendizagem, aprofundamento de conhecimentos e aquisição de habilidades e ambientes de socialização, cultura e lazer. Os resultados sugerem que o envolvimento em atividades não obrigatórias, ocorridas nos diversos ambientes da instituição e fora desta, colabora no sentido de integrar o estudante ao contexto universitário, bem como enriquece seu processo formativo. Destaca-se a importância de estudos sobre a vida estudantil que levem em conta o perfil dos estudantes e as características institucionais, atentando, especialmente, para os ambientes de circulação da comunidade discente.

Palavras-chave: estudantes universitários; integração acadêmica; ambiente universitário.

Introdução

Há recentes esforços em democratizar o acesso às Instituições de Ensino Superior (IES) no Brasil, embora o setor privado predomine sob o público (SGUISSARDI, 2015). Em se tratando das IES públicas, este processo trouxe, particularmente, como consequência, uma população discente cada vez mais diversa, sujeita a muitos desafios, a exemplo do acesso desigual aos cursos prestígio, de ter que assegurar a permanência e lidar com a incerteza quanto à inserção no mercado de trabalho (CARVALHAES; COSTA, 2019)

Para os que conseguem prosseguir seus estudos, muitos podem ser os percalços a enfrentar. Sabemos que dificuldades vivenciadas pelos estudantes no processo de integração a esse nível de ensino, podem comprometer sua permanência, pois o oposto de permanência é evasão que, no ensino superior, tem sido objeto de diversos estudos no Brasil (CASTRO; TEIXEIRA, 2013; SANTOS JUNIOR; REAL, 2017). Alguns dos motivos para sua ocorrência estão relacionados aos aspectos negativos percebidos no ambiente universitário, especialmente aqueles relativos à formação de vínculos e às condições estruturais de funcionamento das IES (BARDAGI; HUTZ, 2009), assim como dificuldades de adaptação dos estudantes (LAMERS; SANTOS; TOASSI, 2017).

Em se tratando de adaptação, superar certas dificuldades são imperativas, pois os estudantes se deparam com um conjunto de obrigações que compõem seu currículo, cuja finalidade é a aquisição de conhecimentos e desenvolvimento de habilidades e competências para o futuro exercício profissional. Isso porque, no geral, a experiência acadêmica é muito ampla: eventos diversos, oficinas, atividades esportivas, interação com professores e colegas fora da sala de aula são alguns dos exemplos do cotidiano estudantil (KUH, 1995). Essas experiências fora do currículo formal, nomeadas como atividades não obrigatórias, produzem impactos expressivos nos discentes e contribuem para assegurar sua continuidade nos estudos (MASSI; VILLANI, 2015).

As características dos estudantes, sua história pregressa à entrada na universidade, por outro lado, são elementos também relevantes para entender como estes se situam diante dos desafios advindos da nova condição. As crenças, os valores e posturas diante desses desafios são postos à prova nessa experiência

(POLYDORO; PRIMI, 2003). Tal compreensão coaduna com a compreensão de Tinto (1987, 1993, 2012), quando este afirma que a qualidade da integração ocorrida entre as características dos estudantes e aquela da IES influencia no processo de permanência dessa população. Contudo, Polydoro e Primi (2003), advertem que, por vezes, o estudante pode não responder a esse papel eficientemente. Portanto, é importante compreendermos essas dificuldades, a fim de promover condições que lhe permitam melhor ajustamento à dinâmica peculiar do ensino superior.

O fato é que o Brasil ainda carece de estudos que se debrucem tanto nas características desses estudantes quanto nas especificidades do contexto universitário, de modo a fazer uma radiografia mais apurada da população estudantil, bem como suas vivências (SANTOS; POLYDORO; SCORTEGAGNA, 2013). Desta forma, buscando contribuir com a reflexão sobre a integração do estudante à vida universitária, o objetivo do presente artigo é o de levantar os ambientes, para além da sala de aula, que o estudante frequenta e como tais experiências repercutem em sua integração e, conseqüentemente, em seu percurso formativo, atentando-nos às características desses estudantes. Como subsídio teórico, buscamos estabelecer um diálogo entre a Teoria da Integração Acadêmica (TEA) e aportes da Psicologia Ambiental (PA).

A integração acadêmica se dá a partir de um conjunto de experiências que impactam positivamente a integração do estudante à vida universitária (TINTO, 1993). No entanto, o ingressante ao ensino superior se defronta com uma realidade distinta daquela que até então conhecia em sua vida escolar e que, por vezes, pode ser impeditiva de seu prosseguimento nos estudos.

O autor nomeia dificuldades vivenciadas pelos estudantes, quando do ingresso em uma IES, que podem ser disparadoras da decisão destes evadirem: acadêmicas (não conseguem ou não se dispõem a cumprir as exigências que lhe são solicitadas); adaptação (possuem inabilidade pessoal insuficientemente amadurecida para ajustarem-se a esse novo contexto); metas (há discrepância entre as metas individuais e as institucionais); incertezas (faltam-lhes clareza sobre a escolha profissional e/ou encontram-se em dificuldades para o estabelecimento de metas para prazos mais longos da vida); comprometimento (apresentam empenho insuficiente para aquisição de desempenho satisfatório nas tarefas acadêmicas); relações interpessoais (têm dificuldade para interagir com a comunidade

acadêmica); isolamento (não conseguem estabelecer vínculos com a comunidade acadêmica) e incongruência (ocorre quando a percepção dos estudantes é a de que a instituição não atende às suas expectativas e, nesse caso, preferem buscar outra) (TINTO, 1987).

O autor também defende a presença de quatro condições fomentadoras da permanência: a necessidade de suporte institucional; o atendimento das expectativas dos estudantes, formas de avaliação que contemplem o *feedback* e ações que propiciem o envolvimento dos estudantes (TINTO, 2012)

Desse modo, o autor defende o compromisso institucional com os estudantes, de maneira a oferecer medidas que contemplem suas necessidades e que estejam atentas às suas características, uma vez que estas revelam pistas sobre suas necessidades. A integração acadêmica, portanto, seria resultante da confluência entre características dos estudantes e aquelas da instituição e quanto maior se dá essa integração, menos riscos o estudante tem de evadir (TINTO, 1993).

No contexto brasileiro, pesquisadores têm buscado explorar a relação entre características pessoais do estudante e sua integração ao ensino superior (POLYDORO; PRIMI, 2003). A pesquisa de Massi e Villani (2015), por exemplo, embasados na TEA, teve o propósito de analisar a trajetória de estudantes de Licenciatura em Química, de uma IES pública, pelo fato desse curso apresentar baixos níveis de evasão. Ao invés de os autores investigarem os motivos que provocam a evasão, estes enfocaram sobre o que leva os estudantes a apresentarem “um forte sentimento de pertencimento e adesão, materializado em baixos índices de evasão” (MASSI; VILLANI, 2015, p. 977). Como resultado, identificaram trajetórias de integração social e acadêmica que se encaixam nas “disposições anteriores atualizadas ou reforçadas na universidade” (MASSI; VILLANI, 2015, p. 975). Portanto, conciliar os aspectos de natureza pessoal e aqueles presentes na instituição são imprescindíveis para a integração do estudante.

Em acréscimo às contribuições da TEA, destacamos o ambiente institucional como um dos aspectos da IES que interfere na trajetória do estudante. A definição de ambiente por nós defendida é aquela cunhada pela PA, que o compreende como “o meio físico concreto em que se vive, natural ou construído, o qual é indissociável das condições sociais, econômicas, políticas culturais e psicológicas daquele contexto específico” (CAMPOS-DE-CARVALHO; CAVALCANTE; NÓBREGA, 2011,

p. 28). A PA, portanto, reflete sobre o sujeito considerando seu contexto, focalizando as inter-relações entre o ser humano e o ambiente físico e social (MOSER, 2005).

Outra definição importante dessa teoria é a de percepção ambiental, que “explora a dimensão cognitiva relacionada ao reconhecimento, organização e compreensão do ambiente a partir de imagens mentais e da experiência imediata” (ALBUQUERQUE; SILVA; KUHLEN, 2016, p. 895). A preferência por determinados ambientes envolve, no processo perceptivo, a dimensão cognitiva, afetiva e valorativa, uma vez que “a partir de características ligadas à estética da paisagem e da possibilidade de satisfação de necessidades, são reconhecidos elementos que suscitam sensações de agrado ou desagradado” (ALBUQUERQUE; SILVA; KUHLEN, 2016, p. 895). Ao investigar a percepção ambiental, podemos apreender “como as pessoas se relacionam com o ambiente e suas mudanças, gerando compreensão sobre as influências das características ambientais sobre o comportamento das pessoas e, conseqüentemente, do comportamento das pessoas sobre o ambiente” (KUHLEN, 2011, p. 262).

Tendo em vista que, na graduação, o estudante se depara com certa liberdade para fazer escolhas sobre seu percurso acadêmico para além das atividades obrigatórias, temos em conta que esses espaços e o conjunto de situações neles vividos formando sua experiência universitária, podem ser elementos-chave para o entendimento de sua trajetória e podem nos oferecer pistas quanto ao atendimento de suas expectativas e necessidades e de como essa trajetória pode influenciar em sua permanência ou desistência. Em resumo, permitenos verificar de que modo o estudante se integra ao ambiente acadêmico.

Método

O artigo discute um recorte da pesquisa de natureza qualitativa, desenvolvida na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), intitulada “Experiências acadêmicas não obrigatórias: impactos na formação”. A UNEB é uma universidade pública em sistema de multicampia, localizada em 24 *campi* em todas as regiões do estado da Bahia, com 29 departamentos. A pesquisa foi desenvolvida no Departamento de Educação (DEDC) do campus I, em Salvador. Os dados foram coletados junto a estudantes voluntários de três cursos daquele departamento em 2016. Como critério de inclusão dos participantes, consideramos o caráter voluntário para graduandos

maiores de 18 anos, que estivessem cursando a partir do 4º semestre, com o intuito de garantir diversidade de experiência em suas trajetórias acadêmicas. O recrutamento foi realizado em salas de aula e entre os grupos informais no ambiente do DEDC. Após contato por *e-mail* para marcação das entrevistas, estas foram realizadas com duração média de 50 minutos e gravadas com consentimento de todos os participantes, mediante leitura e assinatura de concordância com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Na coleta de dados, utilizamos um roteiro para a entrevista semiestruturada, cuja sistematização e análise foram realizadas pela técnica de Análise de Conteúdo (BARDIN, 2009). Foram organizadas duas categorias temáticas, a saber: caracterização dos entrevistados e ambientes frequentados relativos às atividades não obrigatórias e suas finalidades.

Observando os princípios éticos que regem a pesquisa com seres humanos (BRASIL, 2012¹), mantivemos em anonimato os sujeitos entrevistados, utilizando-nos, para tanto, de nomes fictícios e a omissão de seus respectivos cursos. A pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética da instituição e aprovada com o parecer nº 1.266.326, de 07/10/2015.

Resultados e Discussão

Os resultados apresentados nesta seção foram sistematizados da seguinte forma: em primeiro lugar, apresentamos o perfil dos participantes do estudo e, em seguida, a discussão sobre os diversos percursos que estes fazem nos diversos espaços dentro e fora do campus, em atividades que têm relação com seu cotidiano acadêmico.

Caracterização dos entrevistados

Participaram sete estudantes – cinco mulheres e dois homens – com idade entre 21 e 37 anos, sendo três graduandos de Ciências Sociais, dois de Pedagogia e dois de Psicologia, conforme veremos a seguir:

Alan – 23 anos, autodeclarado negro, não cotista, sétimo semestre, solteiro, sem filhos, mora com os pais. Fez o nível médio em escola particular. Com

¹ Atualmente, o documento que rege os aspectos éticos para pesquisas em Ciências Humanas é a Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016. No entanto, à época da pesquisa, estava em vigor a Resolução nº 466, de 13 de junho de 2012.

disponibilidade de tempo para dedicar-se exclusivamente à universidade, participa de diversas atividades acadêmicas não obrigatórias, como: frequência em disciplinas de outra instituição na condição de aluno especial e atividades em outras localidades dentro e fora do país. Tem uma rede de relações com estudantes de outros departamentos dentro do campus que, segundo pondera, facilita sua participação em atividades fora da sala de aula. Relata que, ao ingressar, não sabia sobre a dinâmica da universidade e, para isso, buscou inteirar-se debatendo com seus pares no Centro Acadêmico de seu curso.

Berenice – 37 anos, define-se como negra, cotista, sétimo semestre, vem de escola pública, tem um filho e mora com a família. Seu percurso na universidade se concentra predominantemente na sala de aula, embora tenha participado de algumas atividades fora dela. Alega que se sentiu muito perdida no primeiro ano de curso, uma vez que regressou aos estudos 15 anos após conclusão do ensino médio. Teve muita dificuldade com a leitura e a escrita acadêmica e, devido ao choque de horário entre estudo e trabalho, desistiu deste último para poder se dedicar à universidade. Para fazer frente ao impacto econômico decorrente dessa iniciativa, ingressou em um estágio administrativo dentro da UNEB, e tal decisão a fez economizar em transporte e conseguir mais tempo para estudar, estando no campus, já que os afazeres de dona de casa e de mãe “competem” com o tempo de estudo. Se percebe como mais madura que seus colegas de curso e, destarte, suas expectativas são diferentes, mas defende que essa diferença se constitui em aprendizado.

Cláudia – 24 anos, autodeclarada negra, cotista, dessemestralizada, oriunda da escola pública. Constituiu família durante a graduação, teve um filho e a família mudou-se para outro estado. Em função disso, trancou o semestre, retornando recentemente para concluir o curso. Trabalha como artesã, comercializando seus produtos em feiras dos eventos que ocorrem em diversas IES. Participa de atividades acadêmicas não obrigatórias cada vez menos, por ter que arcar com o papel de trabalhadora autônoma, estudante e cuidar do filho de dois anos. No início do curso, vivia mais o ambiente universitário, frequentando os diversos espaços e eventos da instituição.

Doroteia – 23 anos, se reconhece como negra, não cotista, solteira, sem filhos, reside com os pais, sétimo semestre, fez ensino médio em instituição

particular. É “falante”, como se define, interage com estudantes dos diversos departamentos do campus. Envolve-se em muitas atividades que ocorrem tanto no campus quanto fora dele. Mora longe da UNEB e isso dificulta sua participação em atividades que acontecem no período noturno, a exemplo de atividades culturais e festivas.

Erasmo – 21 anos, solteiro, se autodeclara pardo, não cotista, classe média, quarto semestre. Divide apartamento com outro estudante. Seu percurso na instituição tem sido preponderantemente de frequência às aulas. Informa que se identifica e valoriza aquele espaço, devido ao interesse profissional pela docência. Embora no primeiro semestre tivesse um envolvimento mais ativo, na ocasião de nosso contato revelou estar desmotivado, declarando que não se sente bem fora da sala de aula. Teve conflitos com seus pares e, por esse motivo, afastou-se do convívio social, interagindo apenas com poucos colegas. Há interesse por atuação na política estudantil, mas devido à sua baixa popularidade, acredita que não deve se arriscar a concorrer como representante discente.

Fabiana – 23 anos, autodeclarada negra, cotista, dessemestralizada, tem um filho de dois anos, mora com a família, cursou o ensino médio em escola pública. No início do curso tinha disponibilidade para participar da vida acadêmica de forma mais ampla, mas a maternidade e o estágio restringiram seu tempo, além de não ter sido possível seguir o fluxo curricular.

Gorete – 32 anos, solteira, sem filhos, se reconhece como negra, cotista, dessemestralizada, mora com a mãe. Fez ensino médio em escola pública. Deixou o emprego para se dedicar mais ao curso, embora tenha participado de muitos estágios não obrigatórios, relativos à sua área de formação, como estratégia de aprendizagem e pela necessidade de arcar com o próprio sustento. Entrou para a universidade trazendo como bagagem o envolvimento em atividades de natureza social e continua nesse compromisso, uma vez que vem realizando trabalhos voluntários em comunidades.

Como pode ser visto, os sujeitos entrevistados trazem características diversas ao ingressarem na universidade e isso reflete no percurso que realizam nessa nova etapa de suas vidas. Alguns conseguem manter o fluxo curricular no tempo mínimo exigido, especialmente aqueles que não expuseram a necessidade de trabalhar para se manter, como é o caso de Alan, Doroteia e Erasmo, enquanto que outros

necessitam de mais tempo para concluir a formação, pois precisam conciliar os estudos com trabalho e/ou a tarefa da maternidade, a exemplo de Fabiana e Claudia.

Berenice e Gorete tiveram dificuldade em conciliar trabalho e estudo, o que as levou a tomar a difícil decisão, segundo alegam, de optarem pelo estudo. No entanto, a estratégia de estágios remunerados minimizou o déficit econômico, mas trouxe, todavia, impactos na trajetória acadêmica – (...) *eu consegui um estágio aqui na universidade, então eu estagiei durante dois anos eu saí do estágio agora no mês de abril. Então não tive muito tempo para viver a universidade, os espaços da universidade* (Berenice).

Gorete, por sua vez, enfrenta contratempos para se manter no fluxo regular do currículo. Revela que as condições econômicas da família interferem em seu percurso formativo. No entanto, por sua experiência em engajamento social, essa estudante se integra ao ambiente acadêmico pelo compromisso com sua formação e pelas experiências dos estágios e atuações extensionistas que traz na bagagem. Esta se vê como agente de mudança da realidade:

Essas experiências, e tantas outras que eu fiz são muito reflexivas na minha vida, porque em cada espaço que eu passo, eu tento aproveitar o máximo disso; então, me trouxe no sentido de que tenho uma dívida com a sociedade, porque hoje o que eu me importo mais é com a implicação do que eu posso fazer, então eu preciso estudar (Gorete).

A identificação da trajetória dos sujeitos investigados, nos permitem inferir que é muito mais difícil para os estudantes com vulnerabilidade socioeconômica, manter-se no fluxo regular e que, diante desses desafios, buscam saídas individuais que atendam, minimamente, suas necessidades. Como defende Tinto (2012), o suporte institucional é fundamental no que tange à garantia da permanência. Porém, no contexto brasileiro, a despeito das recentes políticas de permanência, existe

um afastamento preocupante do Estado no que diz respeito às políticas de permanência/assistência aos beneficiados pelas políticas/ações afirmativas, revelando que essas questões não parecem ser faces de uma mesma moeda, entregando os sujeitos à própria sorte ou a iniciativas frouxas, temporárias, que não oferecem segurança aos estudantes, de cunho assistencialista do tipo “vale refeição”, colocadas à disposição dos estudantes pobres. Esses efeitos podem ser mais perversos ainda quando se observa um forte movimento de interiorização da oferta do ensino superior público federal (SOUSA, PORTES, 2011, p. 537).

Apesar dos entraves, constatamos que os entrevistados passam por um conjunto de experiências que vão além daquelas ocorridas no ambiente da sala de aula, embora uns mais e outros menos, seja porque existe a obrigatoriedade de cumprir uma carga horária de Atividades Curriculares Complementares (ACC), exigência de seus respectivos currículos, seja porque existe motivação para buscar outros espaços e situações que a condição de graduandos propicia.

A seguir, apresentamos o levantamento dos locais frequentados, a natureza das atividades realizadas nesses ambientes, as motivações que levam os estudantes a buscar outros espaços fora da sala de aula, bem como o que facilita ou não uma maior inserção destes à experiência universitária.

Por onde circulam os estudantes durante a graduação?

Os relatos trazidos mostram ambientes e situações que os entrevistados vivenciam em seu cotidiano. Categorizamos esses espaços em: 1) ambientes de aprendizagem, aprofundamento de conhecimentos e aquisição de habilidades e 2) ambientes de socialização, cultura e lazer. Entretanto, não raras vezes, essas duas categorias estão contidas em um mesmo ambiente.

Os ambientes de aprendizagem, aprofundamento de conhecimentos e aquisição de habilidades são buscados no DEDC, nos demais departamentos, em outras edificações dentro do campus e em outros contextos dentro ou fora do estado. No DEDC foram citados o auditório, o laboratório de informática, a sala multiuso, salas de aula para outros fins e sala de colegiado.

Cogitávamos que, como estudantes daquele departamento, o DEDC fosse mencionado com frequência, já que ali, cumprem a maior parte de suas atividades curriculares obrigatórias. Isso se confirmou e algumas dessas situações vividas são os cursos de extensão, que complementam a carga horária para as ACC – *Eu já fiz vários aqui, fiz um de produção de texto, fiz de Espinoza (Fabiana), ou para monitorias - Eu participei de monitoria de ensino nesse último semestre, foi a primeira vez que eu participei de uma monitoria (Gorete) ou atividades de iniciação científica – Eu mesma já participei de grupos de pesquisa mais vinculados aos professores daqui do departamento (Doroteia).*

O DEDC também é identificado como o departamento onde ocorre um maior número de atividades e circulação de pessoas - (...) *eu sei que o DEDC é, especificamente, o departamento mais movimentado da universidade. Normalmente acontece as coisas, os eventos aqui no auditório.* (Claudia). Tal dinâmica se dá porque, depois do Teatro Caetano Veloso, localizado na entrada do campus, com capacidade para 400 lugares, o auditório do DEDC é o que comporta um número maior de pessoas (cerca de 90 assentos) e, por isso, muitos eventos de outros departamentos também são realizados ali. Além disso, o DEDC é visto como o mais equipado para atender múltiplas demandas - [as pessoas] *vêm por causa dessas questões, desse departamento proporcionar alguns serviços que os outros não têm ou são pequenos. Não que seja muito bom aqui, mas estão mais adequados do que outros em outros departamentos.* (Claudia).

O DEDC, inicialmente, estava estruturado para atender ao curso de Pedagogia, oferecido em três turnos. A partir de 2011, passou a funcionar os cursos de Psicologia, de Ciências Sociais e de Filosofia, sem, todavia, ter ocorrido um processo de ampliação de suas instalações físicas que atendesse, satisfatoriamente, às demandas dos cursos.

A escassez de salas disponíveis para usos diversos e a disputa na agenda para utilização do auditório são situações corriqueiras. Apesar desse quadro, nas dependências do departamento ocorrem eventos variados, tais como cursos, oficinas, exposições, encontros com grupos de pesquisa e outras atividades acadêmico-científicas e culturais. Entretanto, mesmo com essa carência, como se pode observar na fala dos entrevistados, estes valorizam a dinâmica de acontecimentos e a estrutura mínima oferecida, cientes, entretanto, de que esta não os atende a contento.

Outro espaço do DEDC muito procurado é o laboratório multiuso - *Quase todos os dias eu fico aqui (...), eu uso computador, porque a gente lê os textos, quem não tem dinheiro para imprimir, ou para pesquisar o que a gente vai precisar, a gente lê os textos e aí eu faço os meus trabalhos e já pesquiso as coisas* (Berenice). Inferimos que o laboratório multiuso possui características que, de certa forma, substitui o da biblioteca e a procura por esta última fica restrita à solicitação de empréstimos do acervo.

Tem também a biblioteca que é um espaço a ser destacado e é um lugar que eu brigo direto, porque as pessoas geralmente não sabem usar a biblioteca aqui da UNEB; usam como espaço de socialização, mas lá é um espaço culturalmente para estudo né? Mas as pessoas vão para a biblioteca da UNEB para conversar [ênfase], há muita conversa nesses espaços. Fiquei chocado, porque quando estava na época da olimpíada, eles colocaram televisão. A gente estava estudando e o pessoal gritando gol ao mesmo tempo, então, estava lá [a TV], no meio da biblioteca da UNEB. É fato! (Alan)

Eu fico muito aqui, porque na biblioteca não tem como se concentrar. Lá o notebook você só pode tomar emprestado por uma hora e meia ou duas e aqui [laboratório multiuso do DEDC] posso ficar aqui um tempão e lá na biblioteca é muito frio, eu vou na biblioteca somente atrás dos livros. (Berenice).

Ao que parece, há uma interdependência entre “o comportamento social e a realidade, a qual pode ser elucidada por meio das percepções ambientais” (KUHLEN, 2011, p. 259). Notamos que, nos relatos, há certa discrepância entre as funções historicamente compartilhadas sobre usos e finalidades do ambiente da biblioteca e os padrões de comportamento presentes naquele espaço. Vê-se que algumas das necessidades comuns ao papel de estudantes não estão sendo atendidas, como o silêncio para obter a concentração necessária para leitura, o acesso satisfatório aos computadores e a ausência de espaços reservados para estudos e tarefas em grupo. Além disso, em se tratando de aspectos físicos do ambiente, para alguns, como é o caso de Berenice, a temperatura na biblioteca provoca desconforto, o que pode dificultar sua concentração para estudar. Nesse caso, os estudantes buscam estratégias que atendam às suas demandas – *Aqui, no departamento, eu fico muito aí no hall de entrada, ou no centro acadêmico, ou no laboratório e a sala do colegiado também, que é muito frequentada pelos alunos.* (Alan)

Além do DEDC, os estudantes comentaram sobre a frequência em outros espaços dentro do campus², na busca por aprofundamento de conhecimento/e ou aquisição de habilidades para o futuro profissional:

² A título de esclarecimento ao leitor, no campus I está localizado no bairro do Cabula, Salvador – Bahia, em terreno acidentado com declives e acíves, onde funcionam quatro departamentos, a saber: de Ciências Exatas e da Terra, Ciências Humanas, Ciências da Vida e o de Educação, todos em edificações distintas. Compõe também o prédio da Reitoria, da Biblioteca, o da Gráfica em conjunto com a Editora e onde funciona o Programa Universidade Aberta à Terceira Idade (UATI). Em complemento, a unidade da Pós-graduação, uma quadra esportiva, algumas cantinas em locais próximos aos departamentos, estacionamentos e extenso gramado medianamente arborizado, contornando todas as edificações.

Por exemplo, eu fiquei na UATI (...). Tem muita gente de fisioterapia, de enfermagem que fazem também trabalhos voluntários lá. Aí você acaba conhecendo estudante que tá no projeto de Cuidado com a pessoa e você vê que tem tudo a ver com meu curso. Então, para mim, um aluno que ocupa esses espaços, ele tem uma capacidade de articulação com outras áreas de saber que potencializa muito. (Doroteia)

A diversidade de experiências relatadas, fora do ambiente de sala de aula, corrobora com resultados de outros estudos já efetuados no Brasil. O ambiente institucional é lugar propício ao envolvimento em situações enriquecedoras, propiciando complementação à trajetória da sala de aula (MASSI; VILLANI, 2015; OLIVEIRA; SANTOS; DIAS, 2016). Contudo, tais situações extrapolam os muros do campus, quando se trata do envolvimento do estudante em seu percurso formativo:

Já fiz atividades em outras universidades aqui na Bahia e em outros estados e na UNEB também em outros campi (...). Eu já fui para a UFBA, foi um evento de letras e tivemos aula na UFBA também, dois dias no curso de letras, e também já fui para outras universidades federais: a de Sergipe, de Alagoas, Rio Grande do Norte (Claudia).

Conforme pode ser visto na fala acima, a participação em atividades fora do campus é trazida pelos entrevistados, com realce de sua importância - *Eu tive uma experiência logo no início do terceiro semestre. Eu comecei a estagiar na defensoria pública que foi uma experiência inovadora para mim (Alan)*, assim como a possibilidade de desenvolver um projeto de autoria discente:

Fiz um projeto com três colegas; a gente montou o projeto sobre a representação do negro na literatura brasileira; a gente montou o projeto, fez para o governo do Estado, foi contemplado no edital da Secretaria de Cultura. A gente desenvolveu esse projeto por dois anos na Escola Polivalente aqui no Cabula (Gorete).

Segundo a literatura, o envolvimento dos estudantes em atividades não obrigatórias colabora para uma melhor compreensão do futuro profissional do curso escolhido, assim como enriquece seu processo formativo (OLIVEIRA; SANTOS; DIAS, 2016). São situações que extrapolam o campo eminentemente teórico da sala de aula e oferece ao estudante a oportunidade de conhecer nuances de seu curso em outros ambientes (BARDAGI; HUTZ, 2012).

Deduzimos que a busca por experiências não obrigatórias, quanto mais precoce possa estar acontecendo, menos risco há de o estudante evadir-se. Tal inferência é convergente com o que alguns estudos apontam: o primeiro ano de

curso é aquele em que tal fenômeno está mais provável de ocorrer (VANZ et al., 2016).

Em se tratando de ambientes de socialização, cultura e de lazer, ambientes do DEDC ou fora deste foram citados. Destacamos o teatro e a praça em frente ao edifício da pós-graduação, que fica localizada na parte mais baixa no final do campus, habitualmente chamada de “Bolo de Noiva”, por seu formato redondo, similar a um bolo. Esse espaço agrega estudantes de diversos cursos, para diferentes finalidades, especialmente de cultura e lazer:

Lá embaixo, no Bolo de Noiva, geralmente têm algumas atividades que o pessoal faz: saraus, coisas que acontecem lá e aí eles divulgam. Às vezes você desce para assistir e acaba conhecendo pessoas nesses espaços. (Doroteia)

Todavia, os ambientes de socialização, cultura e lazer também são utilizados para finalidades acadêmicas:

O Bolo de Noiva é um espaço de discussão na universidade; a gente tem problemas com as questões espaciais, problema de sala, problema com auditório, tem que reservar, nem sempre o auditório está disponível. (Berenice)

Identificamos, ainda, o envolvimento de estudantes em atividades de compromisso social em espaços que são utilizados para lazer:

Tem um lugar de debate que fica mais ali no meiozinho da Grama, porque o pessoal de Ciências Sociais e de Saúde estão promovendo uma espécie de reforço escolar, com a comunidade externa, mas não há uma institucionalidade. (Alan)

Tendo em vista que o campus não conta com restaurante universitário e considerando que o DEDC oferece alguma estrutura para que os estudantes possam levar sua própria refeição, ali acontecem almoços compartilhados. É no departamento que ocorre muitos dos encontros descontraídos, ocasiões oportunas para conhecer colegas de outros cursos – *Pelo menos o nosso departamento tem espaço para a gente colocar na geladeira e micro-ondas para a gente esquentar. Aí vira um espaço de convivência mesmo, enfim! Vem gente do DCV esquentar a comida aqui. (Berenice)*

Dentre os ambientes reconhecidos como de socialização, chama atenção o fato de todos os entrevistados destacarem o espaço da grama como um ambiente importante de interação:

O espaço da grama é um espaço interessante, porque ele... depende do momento do curso que você está, de qual curso você pertence e que horário também que você está, tem uma dinâmica diferente em cada turno. (Doroteia)

Nos relatos, percebemos que a procura por ambientes de interação social é mais frequente no início do curso:

Muita gente vai pra grama. Nas rodas de conversa na grama, eu fiz isso bastante no primeiro semestre do curso, em que geralmente as pessoas não se conhecem, estão em um processo de conhecimento acerca dos outros. (Erasmão)

É uma oportunidade que os calouros têm de se familiarizarem com os novos colegas, vão em busca de entrosamento – *Nos primeiros semestres a turma inteira saía da aula e o programa era ir para a grama (...) porque a gente está começando a se ambientar na universidade. (Doroteia)*

Diante do que foi trazido sobre o gramado e o Bolo de Noiva, conjecturamos que esses espaços agregam as pessoas, ampliando a experiência de convivência entre os estudantes, permitem contato mais próximo com a natureza, promovendo momentos de relaxamento diante das exigências que a rotina da vida acadêmica impõe.

Eu acho que o espaço da grama é o espaço que agrega e ele é um espaço que humaniza um pouco mais, porque no momento que você sai do contexto de sala de aula, nem que seja uma discussão de trabalho, de uma disciplina afim, é menos solitária, você fala sua opinião, você conversa de outra forma, então o contexto é outro, não sei... (Doroteia).

Esses achados realçam a importância dos espaços verdes na vida das pessoas beneficiando sua saúde. São ambientes que apresentam capacidade de restauro psicológico e promovem bem-estar (ALBUQUERQUE; SILVA; KUHNEN, 2016). Além do mais, o espaço como lugar de encontro, de compartilhamento dos anseios, expectativas e experiências entre calouros e veteranos, são estratégias utilizadas na busca por integração na universidade.

No sentido de fomentar o diálogo entre a TEA e a PA para entendermos alguns dos elementos que favorecem a permanência, trazemos a reflexão de Bonfim et al., (2019). Dentro do arcabouço teórico da PA, os autores se reportam às categorias apego, identidade de lugar e apropriação do espaço, para discutirem a afetividade no contexto universitário. O apego ao lugar (*place attachment*) remete ao afeto advindo da identidade tanto espacial quanto de grupo, “cujo estudo exige

atenção para as características físico-espaciais do local e os significados simbólico-afetivos a ele associados pelos indivíduos e/ou grupos.” (ELALI, MEDEIROS, 2011, p. 53)

A identidade de lugar ocorre quando a apropriação dos espaços se efetiva:

Segundo Pol (1996), a apropriação do espaço se dá em dois momentos: o da ação-transformação e o da identificação. Portanto, para que a pessoa se identifique com um lugar é necessário que ela aja sobre ele, que ela imprima suas marcas nele e que assuma como seus os produtos de sua ação. Dessa forma, o indivíduo passa a reconhecer-se no seu ambiente, e depois que essa identificação se estabelece ele tende a mantê-la, a ter uma resistência à mudança para que não perca uma das referências do seu eu (significação de si mesmo) propiciadas por essa relação com o espaço. (BONFIM et al., 2019, p. 90)

Dessa forma, verificamos que, nos discursos dos sujeitos entrevistados, novas formas de lidar com o espaço vão criando uma identidade com o lugar, os afetos vão sendo construídos, tanto no que diz respeito ao estreitamento de laços com colegas quanto na apropriação dos diversos ambientes, o que vai propiciando crescentemente, a integração acadêmica. O contrário, como salienta Tinto (1987), as incertezas diante da escolha do curso, mas também o isolamento são aspectos que deixam os estudantes vulneráveis à evasão, particularmente, no início do curso.

Foi visto que a configuração de novas amizades no ambiente institucional pode favorecer o sentido de pertencimento e de integração. Ao interagir com seus pares, os estudantes estão lidando com suas dificuldades e, de certa maneira, apoiando-se mutuamente. Além do mais, atividades que possam encorajar o convívio social, eventos culturais e desportivos cooperam no processo de integração acadêmica e diminuição do risco de evasão (GUERREIRO-CASANOVA; POLYDORO, 2010; OLIVEIRA, SANTOS; DIAS, 2016).

Embora pudéssemos perceber os diversos envolvimento em atividades realizadas pelos entrevistados dentro e fora do campus como enriquecedoras de seu processo formativo, revelando crescente integração com a instituição, os discursos trazidos nos levam a inferir que o espaço institucional padece de certa estrutura que ofereça as condições necessárias para uso adequado. Localizamos, nas falas trazidas, deficiência de ambientes imprescindíveis no contexto de uma IES: número de salas insuficiente para usos variados, carência de auditórios para realização de eventos o que leva os estudantes a improvisarem o “bolo de Noiva” não só como

ambiente de cultura e lazer, mas também para realização de atividades de natureza acadêmica que agregue um público maior; o ambiente da biblioteca da forma como atualmente funciona, impossibilita certas atividades como a leitura e a concentração, o que faz com que os estudantes se organizem em outros espaços na busca por silêncio e tranquilidade.

Outro aspecto que merece reflexão é a improvisação de ambientes de convivência e de lazer no campus - *Não tem um espaço que proporcione essa interação, porque são muito centralizados* (Claudia), e a carência de espaços estruturados para tal fim - *Eu acho que deveria se criar mais espaço de socialização, porque a gente não tem aqui, se tiver chovendo, a grama ali não existe né?* (Alan).

A estrutura e o funcionamento do campus I da UNEB não estão suficientemente organizados no sentido de considerar os benefícios decorrentes da socialização, da participação em atividades culturais, esportivas e de lazer dessa população. Todavia, esses aspectos são elementos importantes na vida estudantil, propiciando equilíbrio diante dos muitos compromissos e tarefas que o percurso acadêmico exige. Decorrente dessas atividades, o estudante pode ser “beneficiado pela melhoria dos diferentes domínios do desenvolvimento, seja no aspecto motor, afetivo, social e cognitivo, seja na capacidade de correlacionar habilidades e competências” (SILVA; EHRENBURG, 2017, p.15). Além disso, quanto maior for a diversidade de experiências estudantis, certamente, sua propensão à desistência do curso estará em declínio.

Considerações finais

É importante salientarmos que os resultados deste estudo refletem a experiência acadêmica fora da sala de aula de um número restrito de estudantes de uma única IES. Todavia, os achados corroboram com resultados de outros estudos (FIOR; MERCURI, 2003; PACHANE, 2003) e sugerem aprofundamentos da realidade estudada com novas pesquisas e em outras instituições, com amostras mais abrangentes.

Os aspectos negativos da ocupação dos espaços, especialmente dentro do campus não foram aqui contemplados, visto que o objetivo do estudo foi muito mais

o de identificar como ocupavam do que avaliar a qualidade dessa ocupação, ainda assim alguns elementos desse aspecto surgiram e merecem ser investigados.

Sabemos que a vida universitária ocupa parte expressiva do tempo dos graduandos, uma vez que, além de cumprir a carga horária das disciplinas e estágios obrigatórios, adicionadas às tarefas exigidas, podemos inferir, fundamentados tanto na literatura trazida quanto nos relatos aqui discutidos, que as atividades não obrigatórias, enriquecem seu percurso formativo. Neste sentido, tanto os ambientes de aprendizagem, aprofundamento de conhecimentos e aquisição de habilidades quanto aqueles de socialização, cultura e lazer, favorecem a integração dos estudantes, corroborando para garantir sua permanência.

Referências

ALBUQUERQUE, Dayse da Silva; SILVA, Dnyelle Souza; KUHLEN, Ariane. Preferências Ambientais e Possibilidades de Restauro Psicológico em Campi Universitários. *Psicol. cienc. prof.*, Brasília, v. 36, n. 4, p. 893-906, Dec. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932016000400893&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 30 jun. 2019.

BARDAGI, Marucia Patta; HUTZ, Cláudio Simon. "Não havia outra saída": percepções de alunos evadidos sobre o abandono do curso superior. *Psico-USF (Impr.)*, Itatiba, v. 14, n. 1, p. 95-105, Apr. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-82712009000100010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 30 jun. 2019.

BARDAGI, Marucia Patta; HUTZ, Claudio Simon. Mercado de trabalho, desempenho acadêmico e o impacto sobre a satisfação universitária. *Revista de Ciências Humanas*, Florianópolis, v. 46, n. 1, p. 183-198, out. 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacfh/article/view/26827>>. Acesso em: 30 jun. 2019.

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70. 2009.

BOMFIM, Zulmira Áurea Cruz; MAIA, Camila Moreira; LIMA, Andersson de Castro; COSTA Ana Caroline. A afetividade no contexto universitário: a relação de apego entre professores, estudantes e servidores com o campus. In: *Psicologia ambiental em contextos urbanos*. Maria Inês Gasparetto Higuchi; Ariane Kuhnen; Claudia Pato (Orgs.). Florianópolis: Edições do bosque/CFH/UFSC, 2019. p. 86–114. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/196574/Livro%20Psicologia%20Ambiental%20em%20Contextos%20Urbanos.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em 20 jun. 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. *Resolução nº 466*, de 13 de junho de 2012. Brasília, 2012.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. *Resolução nº 510*, de 07 de abril de 2016. Brasília, 2016.

CAMPOS-DE-CARVALHO, Maria Ignez; CAVALCANTI, Sylvia Nóbrega; LANA Mara Andrade. Ambiente. Em: Sylvia. Cavalcanti; Gleice Elali (Orgs.). *Temas básicos em psicologia ambiental*. Petrópolis: Vozes. 2011, p. 28-43.

CARVALHAES, Flavio; RIBEIRO, Carlos Antônio Costa. Estratificação horizontal da educação superior no Brasil: Desigualdades de classe, gênero e raça em um contexto de expansão educacional. *Tempo soc.*, São Paulo, v. 31, n. 1, p. 195-233, abr. 2019. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702019000100195&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 01 jul. 2019.

CASTRO, Alexandre Kurtz dos Santos Sisson de; TEIXEIRA, Marco Antônio Pereira. A evasão em um curso de psicologia: uma análise qualitativa. *Psicol. estud.*, Maringá, v. 18, n. 2, p. 199-209, June 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722013000200002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 30 jun. 2019.

ELALI, Gleice Azambuja; MEDEIROS, Samia Thaís Feijó. Apego ao lugar (vínculo com o lugar – place attachment). In: Sylvia. Cavalcanti; Gleice Elali (Orgs.). *Temas básicos em psicologia ambiental*. Petrópolis: Vozes. 2011, p. 53-82.

FIOR, Camila Alves.; MERCURI, Elizabeth. Formação Universitária: O impacto das atividades não obrigatórias. In: Elizabeth MERCURI; Soely POLYDORO (Orgs.). *Estudante Universitário: características e experiências de formação*. Taubaté, SP. Cabral Editora e Livraria Universitária, p. 129-54, 2003.

GUERREIRO-CASANOVA, Daniela; POLYDORO, Soely. Integração ao ensino superior: relações ao longo do primeiro ano de graduação. *Psicol. Ensino & Form.*, Brasília, v. 1, n. 2, p. 85-96, 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-20612010000200008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 30 jun. 2019.

KUH, George. The other curriculum: out-of-class experiences associated with student learning and personal development. *Journal of Higher Education*, v.66, n.2, p.123-155, 1995.

KUHNEN, Ariane. Percepção ambiental. In: Sylvia Cavalcanti; Gleice Elali (Orgs.). *Temas básicos em psicologia ambiental*. Petrópolis: Vozes. 2011, p. 250-266.

LAMERS, Juliana Maciel de Souza; SANTOS, Bettina Steren dos; TOASSI, Ramona Fernanda Ceriotti. Retenção e evasão no ensino superior público: estudo de caso em um curso noturno de odontologia. *Educ. rev.*, Belo Horizonte, v. 33, e154730, 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982017000100108&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 30 jun. 2019.

MASSI, Luciana; VILLANI, Alberto. Um caso de contratendência: baixa evasão na licenciatura em química explicada pelas disposições e integrações. *Educ.*

Pesqui., São Paulo, v. 41, n. 4, p. 975-992, dez. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022015000400975&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 30 jun. 2019.

MOSER, Gabriel. A Psicologia Ambiental: competência e contornos de uma disciplina. Comentários a partir das contribuições. *Psicol. USP*, São Paulo, v. 16, n. 1-2, p. 279-294, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642005000100030&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 30 jun. 2019.

OLIVEIRA, Clarissa Tochetto de; SANTOS, Anelise Schaurich dos; DIAS, Ana Cristina Garcia. Percepções de Estudantes Universitários sobre a Realização de Atividades Extracurriculares na Graduação. *Psicol. cienc. prof.*, Brasília, v. 36, n. 4, p. 864-876, Dec. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932016000400864&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 30 jun. 2019.

PACHANE, Graziela Giusti. A experiência universitária e sua contribuição ao desenvolvimento pessoal do aluno. In: Elizabeth MERCURI, Soely POLYDORO (Orgs.). *Estudante Universitário: características e experiências de formação*. Taubaté, SP. Cabral Editora e Livraria Universitária, p. 155-186, 2003.

POLYDORO, Soely; PRIMI, Ricardo. Integração ao ensino superior: explorando sua relação com características de personalidade e envolvimento acadêmico. Em: Elizabeth MERCURI; Soely POLYDORO (Orgs.), *Estudante universitário: Características e experiências de formação*. Taubaté, SP: Cabral Editora e Livraria Universitária. P. 41-66, 2003.

SANTOS, Acácia Aparecida Angeli dos et al. Integração ao ensino superior e satisfação acadêmica em universitários. *Psicol. cienc. prof.*, Brasília, v. 33, n. 4, p. 780-793, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932013000400002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 08 jul. 2019.

SANTOS JUNIOR, José da Silva; REAL, Giselle Cristina Martins. A evasão na educação superior: o estado da arte das pesquisas no Brasil a partir de 1990. *Avaliação* (Campinas), v. 22, n. 2, p. 385-402, Aug. 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-40772017000200385&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 30 jun 2019.

SGUISSARDI, Valdemar. Educação Superior no Brasil. Democratização ou massificação mercantil?. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 36, n. 133, p. 867-889, dez. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302015000400867&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 01 jul. 2019.

SILVA, Maria Gabriela Queiroz da; EHRENBERG, Mônica Caldas. Atividades culturais e esportivas extracurriculares: influência sobre a vida escolar do discente. *Pro-Posições*, Campinas, v. 28, n. 1, p. 15-32, Apr. 2017. Disponível

em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072017000100015&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 30 jun. 2019.

SOUSA Letícia Pereira; PORTES, Écio Antônio. As propostas de políticas/ações afirmativas das universidades públicas e as políticas/ações de permanência nos ordenamentos legais. *R. bras. Est. pedag.*, Brasília, v. 92, n. 232, p. 516-541, set./dez. 2011. Disponível em:<<http://flacso.redelivre.org.br/files/2012/07/24.pdf>>. Acesso em 20 set. 2014.

TINTO, Vincent. *Completing College: rethinking institutional action*. The University of Chicago Press. Chicago. E-book. 2012.

_____. *Leaving college: rethinking the causes and cures of student attrition*. Second Edition. University of Chicago Press. 1993.

_____. *The Principles of Effective Retention*. 1987, 18 p. Retrieved September 20, 2009, Disponível em:<<https://files.eric.ed.gov/fulltext/ED301267.pdf>>. Acesso em 04 abr. 2009.

VANZ, Samile Andrea de Souza et al. Evasão e retenção no curso de Biblioteconomia da UFRGS. *Avaliação (Campinas)*, Sorocaba, v. 21, n. 2, p. 541-568, July 2016. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-40772016000200541&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 30 jun. 2019.

Processo de Avaliação por Pares: (*Blind Review* - Análise do Texto Anônimo)

Publicado na Revista Vozes dos Vales - www.ufvjm.edu.br/vozes em: 10/2019

Revista Científica Vozes dos Vales - UFVJM - Minas Gerais - Brasil

www.ufvjm.edu.br/vozes

www.facebook.com/revistavozesdosvales

UFVJM: 120.2.095-2011 - QUALIS/CAPES - LATINDEX: 22524 - ISSN: 2238-6424

Periódico Científico Eletrônico divulgado nos programas brasileiros *Stricto Sensu*

(Mestrados e Doutorados) e em universidades de 38 países,

em diversas áreas do conhecimento.